

Laudato Si': uma abordagem teológica

RESUMEN

Mario de França Miranda nos propone en su artículo tomar cuenta de la importancia teológica del cuidado de nuestra casa común. Olvidar la importancia de tratar a la naturaleza con respeto brota de una crisis que arraiga en una pérdida de sentido en el designio salvífico que ha sido pronunciado sobre el hombre. Designio que abraza a todo el cosmos.

Palabras clave: naturaleza, designio, salvación, materia, Reino de Dios

LAUDATO SI': A THEOLOGICAL APPROACH

ABSTRACT

Mario de França Miranda proposes in his article to take account of the theological importance of caring for our common home. Forgetting the importance of treating nature with respect, springs from a crisis rooted in a loss of meaning in the plan of salvation that has been pronounced upon man. A plan that embraces the whole cosmos.

Keywords: Nature, Design, Salvation, Matter, Kingdom of God

Estamos diante de um texto que se impõe não só pela amplitude das questões nele tratadas, mas também pelas incisivas afirmações teológicas que apresenta. Nosso objetivo será fazer emergir nesta reflexão as *linhas teológicas subjacentes* à Encíclica.

O texto papal utiliza o conhecido método “ver-julgar-agir”, que também será empregado nesta nossa exposição. Pois, diante da preo-

cupação com o meio ambiente por parte da sociedade atual, que experimenta já os efeitos devastadores no sistema ecológico do planeta devido a uma racionalidade utilitarista e a uma tecnologia unilateral hoje dominantes, a encíclica papal apresenta como tese de fundo a *íntima relação* entre a dimensão ambiental e a dimensão social da questão. Danificar a natureza implica também prejudicar o ser humano, gerando pobreza, desigualdades sociais, marginalizações. Aqui está a novidade deste grito de alerta do Papa Francisco.

Para melhor situá-lo vamos iniciar com uma breve descrição da *atual cultura* enquanto nociva à preservação da natureza e à convivência humana. Pois desmascará-la e combater-la aparece como um dos objetivos principais desta Encíclica. Em seguida exporemos muito concisamente as verdades fundamentais de uma *teologia cristã da criação*, assinalando como ela emerge frequentes vezes ao longo do texto papal. Esta parte será completada por uma visão escatológica da realidade criada, que reforçará a ênfase posta no valor da criação segundo o desígnio de Deus. Esta visão cristã do tema nos possibilitará uma crítica a certas soluções do problema que hoje encontramos. Finalmente veremos como esta questão tão atual nos ajuda a melhor avaliarmos o alcance da nossa fé cristã.

1. A cultura dominante em nossos dias

Somos profundamente *condicionados* pelo contexto socio-cultural onde vivemos. Pois dele recebemos a linguagem, as referências que orientam nossas vidas, nossos ideais, nossos anseios de realização, que, de um lado, nos abrem perspectivas de vida, mas, de outro, nos limitam em nossa visão do mundo, da sociedade e da história. Devemos muito mais do que pensamos à cultura na qual estamos inseridos, no bom e no mau sentido. Pois todo conhecimento da realidade pressupõe um olhar específico, uma chave de leitura, uma interpretação, que já nos apresenta o objeto conhecido com uma inevitável interpretação em seu bojo. Pois a realidade se desvela correspondentemente à pergunta que lhe é dirigida, pergunta esta diversa no físico, no biólogo, no psicólogo, no filósofo ou no teólogo. Portanto, toda leitura é parcial e deve dialogar e ser

completada pelas demais. Daí afirmar o Papa Francisco: *“Uma ciência, que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas, deveria necessariamente ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber”* (LS 110).

Mas não é isto o que vemos em nossos dias. Hoje boa parte de nossos contemporâneos é dominado por uma cultura individualista que leva a pessoa a se preocupar sobretudo com a aquisição de bens materiais e com a busca de uma felicidade pessoal sem ter consideração com os demais. A sociedade de consumo não vê como problema a degradação do meio ambiente, a diminuição dos recursos naturais, a responsabilidade para com as gerações futuras, as consequências da devastação do hábitat humano para os mais pobres. Por detrás da mesma está uma racionalidade de cunho utilitarista que busca produtividade e eficácia a todo custo por meio de uma ciência técnica que desvaloriza tudo o que não se alinha com seus objetivos. Trata-se de *“um paradigma de compreensão que condiciona a vida das pessoas e o funcionamento da sociedade”* (LS 107). Sua lógica férrea tende a tudo controlar, seja a natureza, seja a sociedade humana (LS 108). Tudo é considerado em função do lucro, excluindo realidades que não se submetem, ou transformando-as em mercadorias que faturam (carnaval, futebol, e até religião). Também a economia é atingida por este rolo compressor já que *“assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano”* (LS 109). Daí a afirmação do Papa Francisco: *“Um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixa o mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não pode ser considerado progresso”* (LS 194). Portanto, *“a política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia”* (LS 189).

No fundo estamos lidando com uma cultura que privilegia o lucro em detrimento do ser humano e da natureza. Estamos lidando com uma chave de leitura deformada que não consegue enxergar todas as dimensões da questão. Daí o alerta da Encíclica: *“A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo em relação à degradação ambiental, ao esgotamento das reservas naturais e à poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um*

programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (LS 111). Fundamental para a solução do problema socioambiental é o próprio ser humano, não enquanto submisso à atual cultura, mas enquanto consciente de sua responsabilidade diante da natureza e de seus semelhantes. Portanto, nas palavras do papa: “*Não haverá uma nova relação com a natureza sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia*” (LS 118). E ainda enfatizando mais: “*Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar. Falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Essa consciência de fundo permitiria o desenvolvimento de novas convicções, de novas atitudes e de novos estilos de vida*” (LS 202). Aqui se demonstra significativa, pertinente, oportuna e necessária uma visão cristã da pessoa humana e da natureza, que constituirá a segunda parte desta exposição.

2. O mundo criado à luz da fé cristã

A realidade que conhecemos e experimentamos em nossa existência e que abarca todos os seres criados não é uma realidade neutra, fruto do acaso, mas resulta de uma opção livre de Deus, imune a qualquer motivação externa (pois Deus é autodeterminação absoluta) e que só podemos pressentir como fruto de seu gesto gratuito, livre, desinteressado, sem motivo ou razão, que constitui o próprio mistério de Deus que é *amor infinito*. Deus quis que também outras criaturas participassem de sua felicidade. A realidade criada existe porque Deus a amou antes mesmo que existisse. Como afirma o Papa Francisco: “*A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação*” (LS 77). Portanto, “*a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos*” (LS 76). Deste modo para a fé cristã a criação é uma realidade *qualificada* pois entra toda ela no desígnio salvífico do Pai. Toda ela se encontra vocacionada para uma finalidade que a transcende, toda ela é dotada de um dinamismo interno voltado para uma plenitude querida pelo próprio Deus. Esta afirmação será explicada em seguida.

O primeiro ponto a ser esclarecido diz respeito à *finalidade* presente em qualquer criatura e que a direciona para uma realidade transcendente, para o próprio Deus. Aqui devemos completar o quadro da criação gratuita, já que a fé cristã nos atesta a presença do Filho de Deus no ato criador do Pai. “Para nós só há um Deus, o Pai, de quem tudo procede e para o qual nós vamos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo existe e pelo qual nós existimos” (1Cor 8,6). Ou também o texto de Colossenses: “Tudo foi criado por Ele e para Ele, e Ele existe antes de tudo; tudo nele tem consistência” (Cl 1,16s). O mesmo repete o apóstolo João: “Tudo foi feito por meio dele; e sem Ele nada se fez do que existe” (Jo 1,3). Como explicar esta presença ativa e permanente de Jesus Cristo na criação a não ser que todo o mundo criado existe devido ao desígnio divino da encarnação do Filho de Deus, projeto primeiro e mais original que arrastaria necessariamente consigo a própria criação como entorno, meio necessário para a existência do Verbo encarnado. Portanto, todo o mundo criado existe porque Deus quis que seu Filho assumisse um corpo mortal. Num sentido mais profundo e primordial a encarnação não se segue à criação, mas a antecede e justifica. O que os textos acima afirmam é esta primazia de Jesus Cristo na própria criação. Concluindo: fomos criados em Cristo. Entretanto esta verdade está incompleta. Vejamos.

Durante sua existência terrena Jesus demonstrou com suas palavras e com sua vida um amor total e perfeito ao Pai. Este seu relacionamento único e singular com seu Pai implicou submissão, obediência, confiança e entrega incondicionada à vontade de Deus. Esta afirmação não deve ser atribuída somente ao Jesus histórico, pois é exatamente este Mestre de Nazaré que nos revela a realidade intra-trinitária. Tudo o que sabemos da Santíssima Trindade tem aqui sua fonte. Portanto o relacionamento filial e obediente de Jesus com o Pai revela o relacionamento do Filho eterno de Deus no interior da Trindade. Assim este relacionamento filial é simultaneamente da esfera criada e da esfera divina.

Se toda a realidade existente foi criada em Cristo, por Cristo e para Cristo, se nele ela tem o *fundamento último* do seu simples existir, então toda a criação tem intrinsecamente uma dimensão que poderíamos chamar de “cristica”, a saber, toda ela se encontra diante de Deus na

mesma atitude de fundo da pessoa de Jesus Cristo: obediência ao Criador, reconhecendo-O como Deus e honrando-O como Pai. Aqui está, do ponto de vista teológico, o sentido e a identidade última de toda e qualquer criatura, embora, devamos logo acrescentar, que só o ser humano tenha dela conhecimento. Quanto mais nos aproximamos da existência histórica de Cristo, assumindo suas atitudes e suas opções, tanto mais estaremos sendo não somente bons cristãos, filhos do mesmo Pai, mas sim estaremos concretizando na história o que constitui nossa *identidade última de seres humanos*, nossa verdade e nossa felicidade. Daí a afirmação de Paulo: “Pois aos que Ele conheceu desde sempre, também os predestinou a se configurarem com a imagem de seu Filho, para que este seja o primogênito numa multidão de irmãos” (Rm 8,29). Na mesma linha o Concílio Vaticano II: “Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre sua altíssima vocação” (GS 22). Entretanto o quadro ainda está incompleto.

Pois o ato criador de Deus criou não só o mundo, mas também o tempo. Portanto ele se situa fora do tempo, numa palavra, é eterno. Como tal continua ativo na história sob a denominação de *criação contínua*. Esta ação criativa permanente de Deus não só conserva a existência de todos os seres criados, mas também é responsável pelo agir dos mesmos. Nas palavras do Papa Francisco: “*Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser é a continuação da ação criadora*” (LS 80). Por outro lado, a Sagrada Escritura nos mostra o *Espírito Santo* não só como criador junto com o Pai e o Filho (Sl 104,30), mas também como aquele que dá vida e ação às criaturas (Gn 2,7). E quando o Espírito de Deus é retirado vem a morte (Sl 104,29; Jó 34,14s). Esta ação do Espírito atinge toda a criação (Gn 1,2) e está, sobretudo, na origem de qualidades e dotes humanos (Ex 31,3; 35,31).

E ainda mais. O Espírito de Deus atua não só para dar vida, mas também para que toda criatura seja *fonte de vida*. Pois sua atuação se revelou também na vida de Jesus, levando-o, na obediência ao Pai, a lutar para que todos tenham vida, para que o Reino de Deus se torne uma realidade na história. *Semelhante* é sua ação na existência de todos os seres humanos. Trata-se de um dinamismo imanente, presente em toda criatura, embora só seja percebido conscientemente pelo ser humano. Já afirmava Paulo: “Se vivemos pelo Espírito, andemos também sob o impulso do Espírito” (Gl 5,25).

Este mesmo Espírito enquanto fonte de vida é também garantia de uma vida em plenitude: “Se o Espírito dAquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos dará também a vida a vossos corpos mortais, por seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11). Portanto o dinamismo do Espírito nas criaturas é leva-las à *plenitude da vida*. E como esse dinamismo é um dinamismo crístico, como vimos, então alcançar uma eternidade de vida plena e feliz implica assumir “o mesmo sentir e pensar” (Fl 2,5), a mesma atitude fundamental de Jesus Cristo na obediência ao Pai em vista da promoção do Reino de Deus.

Entretanto o ser humano é espírito e matéria. Portanto só pode se realizar plenamente enquanto conserva seu corpo, pois o espírito se realiza como espírito na matéria, a qual lhe possibilita relacionar-se com a natureza, com os outros e com Deus. Portanto o ser humano só será plenamente feliz se levar consigo seu entorno e sua história, constitutivos de sua existência vivida, que assim deverão também participar da “glória dos filhos de Deus”. Portanto também a natureza pelo dinamismo do Espírito que lhe é intrínseco está destinada a participar da felicidade eterna e mesmo sua evolução ao longo da história tem, no fundo, o mesmo Espírito como seu agente. Como diz a Encíclica Laudato Si': “*O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente em que Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador*” (LS 83).

Aqui já podemos entender porque a ruptura do ser humano com o desígnio salvífico de Deus, revelado em Jesus Cristo e acionado pelo Espírito Santo, acaba por incidir danosamente não só sobre ele próprio e seus semelhantes, mas também sobre a natureza. “*A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos*” (LS 2). O pecado é também negação do mundo criado querido por Deus e está na origem da crise ecológica. Não se respeita a vocação profunda da natureza ao se explorá-la irresponsavelmente em função do lucro, do poder, da ambição. No fim o próprio ser humano será a vítima de sua insânia.

Depois do que vimos podemos melhor entender o texto de Paulo: *“Pois a criação espera com impaciência a revelação dos filhos de Deus: entregue ao poder do nada, não por vontade própria, mas pela autoridade daquele que lha entregou, ela guarda a esperança, pois também ela será libertada da escravidão da corrupção, para participar da liberdade e da glória dos filhos de Deus. Com efeito, sabemos: a criação inteira geme ainda agora com dores de parto”* (Rm 8,19-22). Aqui aparece claramente como o pecado humano atinge também a natureza, que espera pela libertação dos que a exploram indevidamente e geme já devido ao dinamismo do Espírito presente e atuante em seu íntimo.

Em outra terminologia podemos dizer que toda a vida de Jesus Cristo foi fazer irromper e irradiar o *Reino de Deus*. Esta é também a finalidade da Igreja e a característica última de todo cristão, sempre comprometido com uma missão. Sabemos que este Reino se realiza na história pelo exercício do amor fraterno abrangendo tudo o que essa noção implica. Portanto cuidar da natureza para que nossos semelhantes possam experimentar uma vida digna, também faz parte do projeto de Deus para o mundo. Certamente a realização plena deste Reino não ocorrerá nesta história seja pelas limitações próprias da condição humana, seja pelo egoísmo, pela cobiça, pela vaidade que dominam muitos seres humanos. Deste modo impedem uma sociedade fraterna e justa ocasionando desigualdades sociais, empobrecidos e marginalizados, bem como danos irreparáveis à própria natureza. Mas a construção do Reino futuro e definitivo já tem início no interior da história, na luta por uma sociedade mais justa e fraterna e por um respeito à natureza também chamada a participar do “novo céu e da nova terra” (Ap 21,1), onde não haverá mais sofrimento (Ap 21,4) e Deus será “tudo em todos” (1Cor 15,28). Portanto não só a humanidade, mas todo o mundo criado é chamado a constituir a nova sociedade em Deus, mesmo que a teologia não consiga explicar satisfatoriamente como tal se dará. Como tudo o que se refere à outra vida em Deus, também aqui estamos diante do mistério, que é o próprio Deus.

3. Fé cristã e ecologia

A compreensão cristã da realidade criada enquanto destinada a

ser assumida na vida de Deus, ainda que contenha perguntas sem resposta quanto ao modo *como* isto se dará, não se isola num antropocentrismo autossuficiente, embora tal tenha ocorrido na história do cristianismo. Hoje sabemos que houve uma compreensão errônea do relato da criação no livro do Gênesis. O domínio do ser humano sobre o restante do mundo criado não significa que ele possa explorá-lo ilimitadamente em seu proveito, acarretando a destruição de seu próprio hábitat, mas muito simplesmente que lhe incumbe a tarefa de *exercer o governo*, próprio de Deus criador, sobre o mundo criado. Ele é assim chamado a ser representante, lugar-tenente de Deus, criado a sua imagem e semelhança (Gn 1,26s). Como imagem deve corresponder ao governo divino sobre o universo. Deste modo, o seu domínio sobre a natureza se encontra ligado ao domínio de Deus. E este domínio não é um poder despótico sobre a natureza, porque vem expresso de modo claro no próprio texto bíblico: “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e guardar” (Gn 2,15). Observemos bem: cultivar e preservar!

A criação do ser humano enquanto espírito num corpo, enquanto espírito que necessita do corpo para sobreviver e para ter uma vida social, exige que este mesmo ser humano consiga sua subsistência no recurso à natureza que constitui seu entorno vital. Esta é louvada em toda a sua rica realidade como fruto do amor de Deus: “Como são numerosas, Senhor, tuas obras! Tudo fizeste com sabedoria, a terra está cheia das tuas criaturas” (Sl 104, 24). Esta compreensão veterotestamentária é completada e aprofundada na visão neotestamentária, como vimos anteriormente. Toda a criação se deu “em Cristo”, primogênito de toda criatura, que determina enquanto tal o sentido último de cada criatura. Todas têm uma característica “cristica”, todas participam da atitude filial de Jesus, todas estão num *relacionamento mútuo*, todas são chamadas a participar também da glória e da vida eterna do Ressuscitado. Este quadro só é rompido pelo egoísmo humano que explora as demais criaturas a serviço de seus interesses, exaurindo os recursos naturais e destruindo a convivência humana pelas injustiças sociais que ocasiona.

A Encíclica *Laudato Si'* expressa com muita clareza esta visão cristã da realidade, uma *visão sistêmica* que inclui natureza e sociedade: “Quando falamos de ‘meio ambiente’, fazemos referência também

a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. (...) Estamos incluídos nela, somos parte dela e nela cointegrados. As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. (...) É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e simultaneamente cuidar da natureza” (LS 139).

É interessante que a Encíclica insista também no *fator cultural* que implica o patrimônio histórico e artístico de um povo, elementos-chave para manter sua identidade original. Pois a tendência da economia globalizada é *“homogeneizar as culturas e debilitar a imensa variedade cultural que é um tesouro da humanidade” (LS 144)*. Deste modo Francisco defende a participação de cada cultura no processo histórico-evolutivo de cada povo, respeitando sua noção *própria* de qualidade de vida. Pois *“muitas formas de intensa exploração e degradação do meio ambiente podem esgotar não só os meios locais de subsistência, mas também os recursos sociais que consentiram um modo de viver que sustentou, durante longo tempo, uma identidade cultural e um sentido da existência e da convivência social. O desaparecimento de uma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal” (LS 145)*. Portanto a Encíclica traz uma proposta de *ecologia integral*, que abrange a dimensão natural, social e cultural na compreensão do ambiente. Deste modo considera o ser humano no interior de uma totalidade que deixa aflorar seu essencial entrelaçamento com o meio ambiente e com a sociedade. Ela corrige assim a racionalidade *própria* da ciência moderna que, para dominar a natureza, trata de fragmentá-la em partes sempre menores para serem analisadas pelas diferentes ciências. Deste modo compartimentaliza a realidade e perde uma visão de conjunto (sistêmica), não avaliando devidamente os estragos feitos na natureza pela intervenção humana e ocasionando assim a crise ecológica.

A compreensão sistêmica da Encíclica reprova também certa visão antropocêntrica que vê na natureza um reservatório de recursos

a serem explorados e utilizados pelos seres humanos (LS 190). Nesse caso a defesa e a conservação da natureza se revela insuficiente, pois se faz em nome de gerações futuras para que também elas possam usufruir de tais recursos. Permanecemos assim na ótica exploratória. Mas a Encíclica rejeita também outra visão do meio ambiente, a saber, aquela que procura preservar os ambientes naturais impedindo qualquer intervenção humana e transformando a natureza num museu a ser apreciado. Certamente não é este o sentido da natureza.

A Encíclica atinge principalmente o núcleo da nossa questão ao denunciar o atual modelo econômico como causa determinante da destruição atual da natureza. “*A proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou promover adequadamente*” (LS 190). Pois o modelo atual de progresso busca somente o aumento da produção de bens, o aumento do consumo e o aumento dos lucros. Não entra em suas preocupações considerar os deletérios efeitos ambientais que produz. Por isso a Encíclica postula outra modalidade de progresso, com redução do ritmo de produção e consumo (LS 191). Apela para uma criatividade inteligente, responsável, audaciosa que alie a noção de progresso com o respeito ao meio ambiente (LS 192). Pois “*um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixa o mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não pode ser considerado progresso*” (LS 194). Esta afirmação já é experimentada por todos nós pela padronização comercial dos alimentos, escassez de água, poluição atmosférica, aceleração do ritmo de vida, deterioração das relações humanas. Portanto o discurso ecologista dentro da lógica neoliberal é puro engodo. Um modelo econômico baseado no consumo produz sempre um desastre ecológico devido à limitação dos recursos naturais e à enorme proliferação de resíduos, sem falar das desigualdades sociais que gera. Preservação do ambiente e desenvolvimento do capital são totalmente irreconciliáveis. Assistimos hoje em nosso país como os pobres, camponeses e índios, são privados de seu habitat natural, de seus recursos alimentares, de suas culturas em favor de multinacionais que arrasam regiões inteiras em nome do progresso, sem ter a mínima consideração com os seres humanos que as habitam. Daí afirmar taxativamente o Papa Francisco: “*A política não deve sub-*

meter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia” (LS 189).

Entretanto este objetivo só poderá ser alcançado se o próprio ser humano, responsável pela política e pela economia, mudar seu *modo de vida*. Aqui ele poderia muito aprender das grandes tradições religiosas da humanidade que transmitem uma sabedoria muito ampla e comprovada. A fé cristã capacita o ser humano a libertar-se de seu egoísmo, descentrar-se de si mesmo, abrir-se aos demais, já que tem no amor fraterno o seu próprio núcleo de vida. Pois o cristão é consciente de participar do grande projeto de Deus, revelado em Jesus Cristo, de implantar seu Reino na sociedade fazendo de todos uma só família. Ele procura assumir o modo peculiar de olhar seus semelhantes e a própria natureza próprio de Jesus Cristo. Pois sabe que todo o mundo criado é dom de Deus em vista de uma comunhão universal (LS 220). Daí que “*o amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade*” que abrange em si os âmbitos da política, da economia e da cultura (LS 231). Mas deverá realmente viver este imperativo de sua fé. Para tal deverá passar por uma *conversão ecológica* que o torna guardião da obra de Deus como parte essencial de sua identidade cristã (LS 217). Porém se faz necessário, dada a atual sociedade em que vivemos, carente de valores substantivos, combater o atual consumismo que se apresenta enganosamente através da mídia como fonte de felicidade (LS 204). A palavra-chave aqui é *sobriedade*. Como expressa claramente o Papa Francisco: “*A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos, nem nos entristecermos por aquilo que não possuímos*” (LS 222). Então seremos capazes de viver melhor cada momento, dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, valorizar os encontros fraternos, gozar da paz que nos dá o serviço desinteressado, sentir-se irmanado com a natureza próxima, enfim curtir as coisas mais simples e saber com elas se alegrar (LS 223).

Sintetizando o que vimos: não encontramos na vida e nas palavras de Jesus uma referência direta e explícita ao problema ecológico. Simplesmente porque tal questão não existia naquele tempo. Mas a interpretação da realidade feita pelo Mestre de Nazaré e que deve ser

a mesma de qualquer cristão que faça jus a este nome, nos oferece um amplo horizonte de compreensão para a questão atual do meio ambiente. Nossa exposição procurou mostrar o que poderíamos chamar de base teológica da Encíclica Laudato Si'. A luta pelo Reino de Deus é a luta pela realização de uma sociedade justa e fraterna, pelo cuidado com os mais pobres, pela preservação do hábitat natural do ser humano, enfim pela humanização da sociedade. Tarefa difícil na atual cultura que associa todos os que a assumem, por inspiração do Espírito Santo, devido às resistências e incompreensões da sociedade, ao *mistério pascal* de Jesus Cristo.

MARIO DE FRANÇA MIRANDA
PUC – RIO DE JANEIRO
01.11.2015 / 02.02.2016